

Piolho-de-baleia?

Ao contrário dos piolhos de gente, que são insetos, os piolhos-de-baleia são animais bem diferentes. Eles fazem parte do grupo dos crustáceos, que inclui camarões, caranguejos, lagostas, tatuzinhos-de-jardim e muitos outros. São chamados piolhos porque têm hábitos bem parecidos com os que aterrorizam os humanos: ficam grudados, se alimentam da pele de outro animal e incomodam muuuito. Baleias e golfinhos sofrem com o ataque dos piolhos-de-baleia!

Você já pegou piolho? A cabeça coça, coça, sem parar! Deve dar para imaginar o que passam as baleias com centenas de milhares de piolhos... E elas nem podem se coçar! Alguns cientistas acreditam que os saltos das baleias são para tirar esses parasitas que normalmente ficam alojados nas fendas genitais (por onde esses animais fazem xixi e cocô, e também se reproduzem), nos orifícios respiratórios e nas feridas do corpo.

Como os parasitas apresentam hábitos diferentes dos animais de vida livre, sua forma é geralmente modificada para ele se agarrar ao hospedeiro. Assim, piolhos-de-baleia possuem um corpo achatado, fortes garras para se segurarem na baleia, olhos pequenos e uma boca modificada. Olha a cara dele aí!



Imagem cedida pelas autoras



Ilustração Jaca

Morador fiel

Esses piolhos-de-baleia estão presentes em quase todas as espécies de baleias e golfinhos. Eles são moradores fiéis e podem passar a vida inteira em cima de uma mesma baleia! Como esses piolhos não conseguem nadar, para sair de um animal para outro eles precisam esperar que duas baleias se encontrem e se toquem, formando uma ponte entre os dois hospedeiros.

Além disso, uma espécie de piolho-de-baleia geralmente parasita apenas uma espécie de baleia. Isso quer dizer que a espécie de piolho encontrada em uma baleia jubarte é diferente da espécie de piolho da baleia-franca, por exemplo.

Portal piolho

As informações coletadas ao longo dos anos sobre esses piolhos hoje ajudam nas pesquisas sobre comportamento das baleias e golfinhos. Um exemplo é o recente trabalho de pesquisadores do Rio de Janeiro (Museu Nacional, em parceria com a Fiocruz), que encontraram uma espécie diferente de piolho-de-baleia parasitando um filhote de



Foto Andrea Freire

Vários piolhos-de-baleias e cracas presas na pele de uma baleia jubarte.

baleia-franca-austral, que encalhou na costa fluminense. Nesse estudo, foi possível observar, por exemplo, o convívio entre duas espécies: filhotes de baleia-franca com uma baleia jubarte.

Os pesquisadores chegaram a essa conclusão porque o filhote de baleia-franca apresentava uma única espécie de piolho-de-baleia, que é típica de baleias jubartes, mas que não é encontrado nas baleias da mesma espécie do filhote.



Foto Salvatore Siciliano

Filhote de baleia franca que encalhou no Rio de Janeiro com piolhos de jubarte.

Nome: *Cyamus boopis*.

Tamanho: cerca de 11 milímetros (machos) e cerca de 9 milímetros (fêmeas).

Adoro me hospedar em baleias-jubarte. Elas têm uma longa cauda e mergulham bem fundo. Eu me agarro com minhas várias garras e não caio. Meus amigos se espalham por todo corpo do animal, mas gostamos mesmo de ficar nas dobrinhas!



Imagem cedida pelas autoras



Imagem cedida pelas autoras

Nome: *Isocyamus indopacetus*.

Tamanho: cerca de 9 milímetros (machos) e ninguém conhece a fêmea.

Não tenho muitos amigos, gosto de ter uma baleia de estimação só pra mim. Vivo preso a baleias bicudas, como a baleia-bicuda-de-Longman, que na verdade são parentes dos golfinhos. Quando elas mergulham em grandes profundidades, eu me agarro bem forte pra não me perder no fundo do mar, já que não sei nadar! Vivo nas baleias bicudas do outro lado do mundo e nunca fui encontrado no Brasil.

Baleia jubarte.



Foto Whit Welles/Wikimedia Commons

Baleia-franca.



Foto Michael CATANZARITI/Wikimedia Commons

Registros de convívio entre duas espécies de baleias são bastante raros, possivelmente, este encontro durou um tempo considerável para que os piolhos das jubartes conseguissem passar para o filhote de baleia-franca.

Baleias no Brasil

Baleias jubartes e baleias-francas-austrais são comuns no litoral brasileiro, onde passam os meses de julho a novembro para se reproduzir e amamentar. Mas o convívio entre essas duas espécies nunca foi registrado antes. Assim, os piolhos são uma boa fonte na pesquisa sobre os hábitos das baleias. Esses parasitas incomodam, mas permitem muitas descobertas, além de completarem algumas peças desse quebra-cabeça da vida animal.

Tammy Iwasa Arai e Cristiana Serejo,
Departamento de Invertebrados,
Museu Nacional,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.